

Escutar Aurélia – Transgressões na sua vida e obra

Raquel Pelayo

i2ADS/FBAUP

Teresa Fonseca

CEAU/FAUP

Resumo:

A denúncia pública de injustiça em classificações escolares na Academia Portuense de Bellas-Artes (APBA), é um facto raro protagonizado por Aurélia de Souza em setembro de 1895, quando a artista, de 28 anos de idade, tinha concluído o 4º ano do curso de Desenho Histórico com a classificação de doze valores. A descoberta da notícia no jornal oitocentista *A Voz Publica*, feita por Anni Gunther¹ e publicada na sua página pessoal de rede social lembrando os 100 anos do falecimento da artista, suscitou a presente investigação em arquivos académicos, de imprensa, espólios artísticos e coleções particulares que permitissem rever os seus passos e eventualmente aduzir novas hipóteses indicativas a) de ativo esforço de profissionalização das mulheres-artistas do século XIX português; b) de desconfortos na academia portuense e busca de alternativa formativa em Paris; c) de expressão material de inquietação e evolução ideológica na obra artística – temas, estilos e ideias. A metodologia da investigação, ao privilegiar a análise microscópica dos dados afigurou-se como um contributo só possível pelas disponibilidades atuais de arquivo e informação digital coadjuvando a verificação nas fontes primárias, seguindo a inspiração arqueológica de Foucault (1969) no que respeita ao escrutínio das micro instâncias do poder, pois nas minúcias muito se consegue desvelar que as visões panorâmicas ocultam.

Palavras-chave: Aurélia de Souza, Academia Portuense de Belas Artes, Academia Julian, mulheres artistas, discriminação académica.

Abstract:

A newspaper denouncement of the injustice of classifications in the Academia Portuense de Bellas-Artes (APBA) is a rare fact led by Aurélia de Souza in September 1895, when the 28 years old artist finished her fourth grade of Historical Drawing and was valued 12 on the scale of 20. The finding of the 18th-century news is due to Anni Günther and was published on her page on a social network, reminding the 100th anniversary of the artist's death, prompted the present investigation through academic and press archives, art centers, and private collections that might allow a review of her steps and, occasionally, add new contributions about a) active efforts

¹ Anni Gunther Nonell é arquiteta pela ESBAP e doutora pela FAUP, foi professora nestas duas escolas, entre outras, aposentando-se como professora associada da FAUP em 2010.

of professionalization of women artists in the 19th Portuguese century;
b) discomfort in the Oporto academy and search for alternative education in Paris; material expression of ideological quest and evolution in her artistic work - subjects, styles, and ideas.

The adopted methodology of microscopic analysis becomes possible by the present availability of archives and digital information that match data from primary sources under the archaeological inspiration of Foucault (1969) concerning the scrutiny of the micro instances of power once details can illuminate what panoramic views often conceal.

Keywords: Aurélia de Souza, Academia Portuense de Belas Artes, Julian Academy, women-artists, academic discrimination.

Introdução

A historiografia aureliana estabelecida informa dos cursos que frequentou na APBA, o de Desenho Histórico de 1893 a 1896 e o de Pintura Histórica de 1896 a 1899; dos seus professores; das classificações dos últimos anos frequentados em cada curso; de exposições e prémios académicos que lhe foram atribuídos. Têm sido estáveis e aceites a narrativa de antecedentes familiares favoráveis no ambiente idílico da Quinta da China, a visão dos notáveis sucessos artísticos e a valorização intrínseca da sua obra (Silva 1992; Oliveira 2002; Duarte 2010; Vicente 2016). Permanece ainda pouco detalhada a informação relativa às situações concretas nos diferentes contextos em que a artista se moveu e que poderá enriquecer o conhecimento das suas motivações e decisões, assim como revelar dificuldades que se colocaram às estudantes-mulheres na passagem do século.

Do conjunto de iniciativas integrante da celebração do centenário da morte de Aurélia de Souza urge destacar a inteligente e estratégica articulação dos esforços de atualização do conhecimento através da realização de congresso *Aurélia de Souza. Mulheres Artistas em 1900* e pré-lançamento de *Catálogo Raisonné*, ambos liderados por Raquel Henriques da Silva, visando a incorporação de novos contributos. O presente trabalho resulta das comunicações orais feitas ao congresso por uma equipa de autoras, sob temáticas diferentes², mas complementares, suscitadas por um corpo de informação unitário e inédito que foi fruto da aturada investigação da primeira autora em arquivos académicos e de imprensa, coleções particulares, elaboração própria de materiais gráficos de análise de obras das irmãs de Souza, associação de exemplos de desenhos e pinturas destas duas artistas nas escolas portuense e parisiense recolhidos diretamente dos originais e de plataformas digitais.

² Fonseca, T., Pelayo R. "As irmãs de Souza, Sombras e Sobras". Comunicação oral ao Congresso internacional *Aurélia de Souza Mulheres Artistas em 1900*, 13 de abril de 2023 e Pelayo R., Fonseca T., "Escutar Aurélia, estratégias de transgressão e submissão" Comunicação oral ao Congresso internacional *Aurélia de Souza Mulheres Artistas em 1900*, 15 de abril de 2023.

Tratou-se de um processo de investigação cujas questões foram suscitadas pelos próprios materiais inéditos, progressivamente acrescidos de novos achados à medida que se confrontou a sua pregnancy com a literatura disponível. Mais do que o valor relativo das nossas interpretações, o essencial contributo são novos dados e factos obtidos nas fontes primárias.

Quanto à forma, o trabalho foi de difícil estruturação porquanto a fragmentação em capítulos das matérias – classificações, exposições e prémios escolares, cada uma delas exigindo minúcia de registos e fastidiosa redação – faria perder de vista a rede intrincada de consequências de cada parcela sobre as restantes, ou seja, por exemplo, a notícia em imprensa é consequência de pautas académicas e estas interagem com as exposições e prémios escolares. Será exatamente com esta notícia que iniciaremos este trabalho e, em sequência, os cursos serão cronologicamente abordados.

As conclusões, naturalmente provisórias, traduzem-se em novas interrogações, isto é, hipóteses a desenvolver por quem possa seguir-nos, menos numa perspetiva histórica e mais de atualidade. Os prémios e exposições transcendem, afinal, os números de classificações escolares, sendo aqueles de larga perceção pública e estas limitadas a certidões e diplomas? Sobretudo nos meios artísticos, é crescente e mundial a atribuição de doutoramento *honoris causa*, símbolo de reconhecimento pela academia, *a posteriori*, de carreiras avaliadas por pares e validadas por prémios. No entanto e paralelamente, em concursos académicos e nas instituições de financiamento científico, permanecem como critério de avaliação, entre outros, as classificações associadas aos diplomas de habilitações – graus. O que Aurélia de Souza terá pretendido da academia, sobretudo, era o registo oficial das suas competências (e acesso a todas as que habilitavam para a profissão de pintor), adquiridas e avaliadas em contexto institucional (entre pares) e não no espaço doméstico.

O posicionamento crítico e não coincidente da equipa autoral deste trabalho, relativo à problemática feminista, e a incorporação dos contributos construtivos recebidos na revisão por pares, concatenam-se na presente redação.

A denúncia pública de injustiça na Academia Portuense

Se, no tempo de Aurélia, o impedimento das mulheres à aula do nu (“modelo vivo” é a designação que consta na recusa da APBA ao pedido das alunas em 1885³) era uma discriminação académica estruturante na APBA⁴ e noutras escolas públicas de ensino artístico, a injustiça nas classificações atribuídas terá sido uma prática cirúrgica e personalizada, de preconceito de género, quando visou uma aluna que os professores admiravam enquanto artista mas cujo empoderamento, subjacente a classificações, temiam.

³ Ver AFBAUP – 107.

⁴ Ver Aguiar *et al.* 2016.

Em 1893 a atribuição de 12 valores a Aurélia como a classificação final no 4º ano de Desenho Histórico, apesar de valores de frequência de 15/14/14 e de 16 valores obtidos no ano anterior, mereceu reação, até hoje inédita, mas legítima, da parte da aluna.

No jornal portuense republicano *A Voz Publica*, de 26 de setembro de 1895, é publicada correspondência trocada, semanas antes, entre Aurélia de Souza e o diretor da APBA João António Correia.

Sob o título “Academia Portuense de Bellas Artes” lê-se:

Chamamos a atenção dos interessados para o comunicado adiante inserto (...) em que a talentosa alumna d'aquelle estabelecimento, snr.^a D. Maria Aurélia Martins de Souza, não está d'accordo com a classificação que lhe foi dada por a considerar injusta (A Voz Publica 1985, 26 de Setembro).

Para que não se pense menos favoravelmente para mim sobre a descida brusca da minha classificação relativa ao 4º ano de Desenho histórico na Academia Portuense de Bellas Artes, peço a V. Ex.^a o obséquio de publicar os documentos juntos. Aurélia de Souza (id. ibid.).

Aurélia publica 3 peças de correspondência em sequência. Na primeira faz pedido de revisão de provas por discordância com a classificação atribuída de 6 de setembro de 1895:

(...) Estando convencida de que, tanto pela minha aplicação nos trabalhos de todo o anno lectivo findo, como pelas provas do meu exame final, merecia evidentemente uma classificação superior á que me foi dada, e acreditando que houve um lapso na apreciação das referidas provas, peço a V. Ex.^a queira mandar proceder a uma revisão d'esses trabalhos, para se apurar em definitivo se me cabe a classificação inferior que tive (...). Aurélia de Souza

A segunda é a resposta do diretor recusando o requerimento da estudante de 9 de setembro:

(...) se foi menos feliz na classificação que obteve nos trabalhos do seu exame do quarto anno de desenho, foi isso bem recompensado com o prémio pecuniário de 20\$000 reis, que V. Ex.^a obteve no concurso ao prémio anual de desenho histórico, a maior classificação a que pôde aspirar um alumno deste estabelecimento de ensino especial. Este facto é sufficiente para provar que os membros d'esta Academia não só são justos como imparciais, pois se houvesse algum intuito de melindrar o seu bem entendido amor próprio, decerto a segunda classificação condiria com a primeira. Não pôde por isto haver reconsideração alguma. João António Correia (A Voz Publica 1985, 26 de Setembro).

A terceira é a resposta de Aurélia em 13 de setembro:

(...) não posso deixar de significar á Academia Portuense de Bellas Artes (...) que a minha consciência se recusa a admitir como boas as razões pelas quaes se me nega a revisão das provas referidas. (...) cumpre-me dizer, que não posso aceitar o prémio que obtive com o meu trabalho em concurso, como compensação

da injustiça praticada para comigo na classificação da minha prova final. De que houve injustiça estou plenamente convencida tanto mais que isso agora transparece no amável officio de v.ex.^a. Nesse officio declara-se que «fui menos feliz na classificação dos trabalhos do meu 4º anno de desenho» e acrescenta que isso foi bem recompensado com o premio pecuniario de 20\$000 reis. Estão, pois, claramente confessadas duas coisas: primeira, que por infelicidade não obtive a classificação que mereci; segunda que para reparar essa infelicidade me foi concedido o prémio de 20\$000 reis. Quanto ao primeiro ponto, vejo que elle justifica absolutamente a minha reclamação; quanto ao segundo, cabe-me declarar que esse prémio foi obtido só pelo meu trabalho em concurso que é facultativo aos alunos da Academia. De modo algum o receberia como um favor ou como uma compensação. A Academia julga-se no direito de não proceder a uma revisão dos meus trabalhos, e eu considero-me no dever de protestar até ao fim, embora sem resultados. [E]m defesa do meu trabalho, cónscia da minha inteira justiça. (...) Aurélia de Souza (id. ibid.).

Verifica-se que Aurélia demorou 14 dias, após a escusa do diretor, para tornar o caso público e, contas feitas a partir do preçário do jornal, calculamos que custou 4 mil e 400 reis, dada a extensão do texto – não foi ação feita de ânimo leve. A exibição pública do caso mostra-nos uma Aurélia até hoje insuspeita, capaz de enfrentar e descredibilizar socialmente a academia – não foi, portanto, a sua passagem pela APBA e pelos seus docentes passiva ou pacífica.

É certo que tinha 28 anos, enquanto alguns dos seus colegas do curso eram menores de idade, lançara a sua carreira profissional em simultâneo à frequência do curso de Desenho Histórico em 1893 tendo já participado com pintura nas 7ª e 8ª exposições de arte do Centro Artístico Portuense, fora da academia – mesmo sem ter o curso de pintura.

No seu expressivo articulado, Aurélia expõe a deliberada redução da classificação, se não como ameaça em prosseguimento do curso, claramente para prejudicá-la profissionalmente. Certamente se terá aconselhado, pois laços matrimoniais de duas suas irmãs tinham acabado de ligar a família de Souza a outras influentes e progressistas famílias da cidade⁵, sendo a afirmação “eu considero-me no dever de protestar até ao fim” feita com propriedade e exibindo a legitimidade da sua ambição profissional.

Tendo ficado exposta a público a infeliz resposta do diretor, torna-se plausível que a academia tenha começado a exhibir abundantemente Aurélia e também sua irmã Sofia de Souza (1870-1960) para minorar os danos ao seu nome. Do rendimento académico em classificações, exposições e prémios se dará conta nos pontos seguintes, integrando-se aqui apenas os dados relativos ao 4º ano visado na notícia do jornal (fig. 1).

⁵ Maria Helena de Souza contraiu matrimónio com o banqueiro José Augusto Dias e Maria Estela Souza com o engenheiro Vasco Ortigão Sampaio, empresário fundador de três fábricas de tecelagem de riba d'Ave e da Empresa Hidroelétrica de Portugal.

Classificações Trimestrais e de Exame final no 4º ano de Desenho Histórico no ano letivo de 1894-1895										
Fonte 1: livro de inscrições com valorizações 174-A, 1890-1900										
Fonte 2 Livro de Actas das conferências gerais nº114, Ata de 30 Agosto 1895										
	ano do curso	ano letivo	curso	nota 1º trimestre	faltas	nota 2º trimestre	faltas	nota 3º trimestre	faltas	nota final de exame
José Julio Pina Silva Soares Albergaria	4º	1894-1895	Desenho Histórico	12	0	11	6	12	2	12
D. Maria Aurelia Martins de Souza	4º	1894-1895	Desenho Histórico	15	2	14	8	14	3	12
D. Sophia Martins de Souza	4º	1894-1895	Desenho Histórico	14	1	14	8	14	4	12
José Pinto d'Oliveira	4º	1894-1895	Desenho Histórico	0	33	0	54	0	51	perdeu o ano
Alberto João do Rio (repetente)	4º	1894-1895	Desenho Histórico	12	2	10	18	0	4	perdeu o ano
Accacio Lino de Magalhães	4º	1894-1895	Desenho Histórico	13	0	14	10	14	2	13
Clodoveu Vieira de Carvalho	4º	1894-1895	Desenho Histórico	11	0	10	2	11	1	10
João da Silva Mattos	4º	1894-1895	Desenho Histórico	12	1	10	16	11	3	10
D. Honorina Rachel Salema Lacerda	4º	1894-1895	Desenho Histórico	11	3	11	9	10	5	10
Augusto de Souza e Castro	4º	1894-1895	Desenho Histórico	11	2	11	36	13	5	13

Figura 1

Visão geral dos dados dos estudantes a frequentar o 4º ano de Desenho Histórico em 1894-95 na APBA, Raquel Pelayo, 2023, *Biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto*.

Os cursos frequentados na Academia Portuense de Bellas Artes

O curso de Desenho Histórico

Aurélia de Souza ingressa na APBA em 1893, para a frequência obrigatória do curso de Desenho Histórico⁶ que precedia qualquer um dos outros – Pintura Histórica, Escultura e Arquitetura Civil – e é conhecido que nesse ano letivo fez os dois primeiros anos através de exames obtendo 17 e 15 valores na escala de 20 (AFBAUP-114), fruto das lições particulares de desenho e pintura com Caetano da Costa Lima (além do seu talento inato) que lhe garantiram as elevadas classificações, sendo o procedimento por exame comum para estudantes mais velhos. Os professores de Desenho Histórico foram Marques de Oliveira nos 3º e 4º anos e ainda no primeiro trimestre do 5º ano após o que foi substituído, por doença, por Alfredo Pinheiro⁷.

Pautas

Como aluna regular no ano letivo de 1893-94, Aurélia com 27 anos, concluiu o terceiro ano com classificação final de 16 valores (AFBAUP-114) e notas trimestrais de 15/15/15 (AFBAUP-174). No ano seguinte (1894-95) frequentou o 4º com notas trimestrais de 15/14/14 (AFBAUP-174), obtendo no exame final apenas 12 valores (AFBAUP-114) do qual fez reclamação e deu a notícia em jornal que já referimos. Prossegue para o 5º ano (1895-96) tendo na frequência 14/15/15 (AFBAUP-174) e 16 valores no exame final (AFBAUP-114).

⁶ O ingresso requeria apenas um mínimo de 10 anos de idade, saber ler, escrever e contar (Aguar 2012, 15). As competências esperadas nos dois primeiros anos de Desenho Histórico eram básicas: no primeiro adquiria-se o domínio formal e no segundo ano o domínio das sombras, sempre em representações de peças simples de gesso.

⁷ João Marques de Oliveira foi professor de Aurélia nos seus 3º, 4º e primeiro trimestre do 5º ano após o que foi substituído por doença por Alfredo José Torcato Pinheiro, então diretor da Escola Industrial Infante D. Henrique (AFBAUP-107) (Cf. 2012, 17).

Aprofundando a questão das classificações, observamos que a pauta do 4º ano de Aurélia fig.1 mostra dois casos com nota de 13 valores, atribuídos a Acácio Lino e Augusto Castro. Também constatamos que só uma aluna antes de Aurélia obtivera, no seu 5º ano de Desenho, 16 valores, Alice Grillo⁸, com notas de frequência de 15/14/14 (AFBAUP-174), no ano letivo de 1892-1893, exatamente o último de Alice e primeiro de Aurélia no Desenho Histórico da APBA.

Comparado o rendimento das outras estudantes nessa década constata-se que apenas Sofia de Souza se aproxima da constância e qualidade de Aurélia; quanto aos desempenhos de Aurélia e do seu colega masculino melhor classificado, Acácio Lino (1878-1956), doze anos mais novo, as classificações finais do adolescente apresentam maiores incrementos (+1, -1 e +4 valores) em relação a hipotéticas (nosso cálculo)⁹ médias de frequência do que as de Aurélia (+1, -2 e +1 valores). Uma leitura mais sintética destes dados se oferece na fig. 2.

Classificações Trimestrais e de Exame final (Fontes: AFBAUP anos de 1891 a 1901)															
Desenho Histórico_ Alice Grillo					1890/1891										
Trimestres				Exame											
1º	2º	3º	final												
3º ano	13	13	13	16											
4º ano	9	14	14	16											
5º ano	15	14	14	16	1892/1893	Desenho Histórico_ Acácio Lino					Desenho Histórico_ Sofia de Souza				
Trimestres				Exame											
1º	2º	3º	final												
1º ano	N/freq.	N/freq.	N/freq.	17											
2º ano	N/freq.	N/freq.	N/freq.	15											
3º ano	15	15	15	16	1893/1894	3º ano	15	15	14	16	3º ano	12	13	13	13
4º ano	15	14	14	12	1894/1895	4º ano	13	14	14	13	4º ano	14	14	14	12
5º ano	15	15	14	16	1895/1896	5º ano	14	8	13	16	5º ano	13	14	14	15
Pintura Histórica_ Aurélia de Souza					1896/1897										
Trimestres				Exame											
1º	2º	3º	final												
1º ano	15	15	14	16											
2º ano	N/freq.	N/freq.	N/freq.	15											
3º ano	16	16	14	16	1898/1899										
4º ano	16	16	N/freq.		1899/1900										
5º ano	N/freq.	N/freq.	N/freq.		1900/1901										

Figura 2

Quadro comparativo das classificações de Desenho Histórico de diversos estudantes APBA. Raquel Pelayo, 2023, *Biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto*.

⁸ Alice Amália da Silva Grillo de Lima (1870-1945) frequentou a Academia Portuense de Belas-Artes entre 1889 e 1893 e a Academia Julian em 1894. Deu aulas de pintura e expôs regularmente no Porto (Grillo n.d.).

⁹ Não seria explícito, à época e como é praticado nos nossos dias, o conceito de avaliação contínua nas instituições de ensino superior, mormente artístico.

Exposições

O ano académico da APBA incluía a organização de exposições que visavam mostrar os melhores trabalhos e distinguir os melhores alunos. No período em apreço só eram selecionados para a exposição anual¹⁰, trabalhos de estudantes avaliados com o mínimo de 13 ou 14 valores, inclusive, caso existissem, separados por cada ano e contemplando todos os cursos. Aurélia viu os seus trabalhos serem selecionados logo em 1893, com exposição dos 3 desenhos submetidos a exames que foram os únicos expostos em representação do 1º e 2º anos de Desenho Histórico conjuntamente com 3 da sua irmã Sofia (Furtado 1893).

Na exposição seguinte, correspondente ao seu 3º ano, 1893/94, ocorreu o extraordinário facto de Aurélia ter sido o único estudante selecionado e ver 24 desenhos seus expostos. Jamais houvera tal quantidade de trabalhos de um só aluno nestas exposições, apenas seguida por 16 desenhos de Alice Grillo na mesma exposição e relativos à conclusão do 5º ano de Desenho Histórico (Furtado 1894).

Uma inexplicada seleção ocorreu para a exposição dos trabalhos realizados no ano letivo seguinte de 1894-95, em que ambas as irmãs foram classificadas com 12 valores. Mostraram-se 23 desenhos de Sofia e 13 desenhos de Aurélia acompanhados de 4 desenhos de Acácio Lino, que obtivera classificação de 13 valores (Furtado 1895). Como atrás se referiu, a exposição abrangia estudantes classificados com pelo menos 13 valores, sendo inusitada não só a participação das duas alunas com nota inferior, mas sobretudo as quantidades de exemplares. Observou-se, ainda, que nada mereceu exposição da parte de Augusto Castro, também com 13 valores (AFBAUP-114). A exposição, como evento, afirmava as duas irmãs como os melhores alunos do 4º ano de Desenho com supremacia de Sofia, mas as reduzidas classificações, permanecem inalteradas até hoje.

A academia deu, novamente, às duas irmãs de Souza, grande destaque na exposição do ano seguinte, 1895-1896. As duas quintanistas ocuparam 41% do espaço expositivo da totalidade do Desenho Histórico desse ano que contou com 113 desenhos. Aurélia teve 28 obras expostas e Sofia 20 (Furtado 1897) – em renovado acordo com a classificação de 16 valores –, só acompanhadas por Acácio Lino que, com a mesma classificação, comparece com 8 desenhos. Novamente foi inaudita a quantidade de desenhos exibidos de um só estudante.

Nos catálogos das exposições anteriores da década de 1890 raramente se contam 10 desenhos de um só estudante e foram sempre homens. No início da década seguinte torna-se difícil encontrar mulheres nestas exposições (Brito 1903 e 1901).

¹⁰ Estas exposições decorriam no ano letivo seguinte à produção académica e das mesmas se fizeram catálogos: *Catálogo da exposição dos trabalhos escolares dos alumnos da Academia Portuense de Bellas-Artes, considerados dignos de distincção nos annos de 1888 a 1890 e distribuição dos respectivos diplomas*.

Prémios

A APBA também instituía prémios para estimular e distinguir os alunos mais competentes. Neste período existiam vários prémios pecuniários: “Prémio Soares dos Reis” no valor de 20.000 reis para estudantes do curso de Arquitetura, o “Prémio Anual de Desenho Histórico” de 20\$000 reis e o “Prémio Barão de Castelo de Paiva”, de temática bíblica no valor de 90\$000 reis destinado aos estudantes de pintura e pintores profissionais (Aguiar 2012, 63). No 4º ano, em que ocorre a baixa de classificação final, ambas irmãs concorreram ao Prémio Anual de Desenho Histórico que consistiu na representação a carvão da Vénus de Milo,¹¹ com 10 opositores masculinos. Aurélia recebe o segundo prémio, sendo o primeiro atribuído a um quintanista e o terceiro a um quartanista. Sofia recebe uma segunda Menção Honrosa sendo duas outras atribuídas a quintanistas (AFBAUP-114). No ano seguinte as duas irmãs quintanistas voltaram a ser premiadas no mesmo concurso contra 8 oponentes, com o tema “O Desterrado” de Soares dos Reis. Aurélia ganha em terceiro lugar e Sofia recebe Menção Honrosa (AFBAUP-114), não sendo as primeiras mulheres premiadas pela academia¹².

Cruzamentos

Nenhum estudante dessa década, como Aurélia, compareceu em todos os anos sem exceção, nas exposições de Desenho Histórico. O número surpreendente de 68 obras expostas em quatro anos, sugere que tudo o que terá desenhado mereceu exposição. Dos colegas, só se aproxima Sofia com 46, mas fez parte do mesmo fenómeno. Pode-se afirmar que Aurélia foi o melhor aluno da APBA em Desenho Histórico, à sua época. Foi também a única estudante-mulher a quem a Academia entendeu requerer a posse de um trabalho seu *Homem Barbado* para integrar a sua coleção de exemplos para uso pedagógico em decisão colegial deixada em ata (AFBAUP-115) e único estudante duplamente premiado no concurso de Desenho Histórico.

As classificações não acompanharam estes reconhecimentos sobretudo em sede de avaliação colegial – as notas finais de exame. Aí se terá apresentado o dilema entre justiça e reconhecimento de igualdade de género, quando o maior protagonismo era de uma mulher especial, mas configurava precedente ou, eventualmente, símbolo socialmente perturbador da ordem da época.

Os registos da instituição de 1891 a 1902 mostram que raramente se atribuíram em Desenho Histórico 17 e 18 valores: cinco vezes 17 e apenas uma vez 18 valores numa década, sendo, cinco deles, homens¹³ e, em 1891, uma mulher que obteve 17¹⁴ (AFBAUP-174).

¹¹ Este desenho pertence ao acervo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

¹² Alice Grillo foi a primeira mulher a receber este prémio, em terceiro lugar, no ano de 1892 quando frequentava o 4º ano de Desenho Histórico (Tadeu 1893).

¹³ Em Desenho Histórico de 1892 a 1902 como classificação final de ano foram atribuídos dezasseis valores a Henrique Oliveira em 1899 no 4º ano e a António Ribeiro em 1892 no 5º ano. Como classificações trimestrais de frequência foram atribuídos a Acácio Lino no seu 2º ano em 1893 e a António de Sá em 1892 no seu 4º ano. Um dezoito foi atribuído como nota final do 5º ano a Joaquim Silva em 1892 (AFBAUP-174).

¹⁴ Sophie Ignez Pieper, filha do engenheiro Georg Albert Adolph Leuschner e casada desde 1883 com Carlos Hermann Pieper (Moncívio 2017) não tinha pretensões como Aurélia e Sofia de exercer a profissão e só terá praticado pintura no seio familiar, não constituindo qualquer ameaça à hegemonia profissional masculina, o que explica o 17 atribuído com notas de frequência de 15/15/15, semelhantes às obtidas por Aurélia que, no entanto, não ultrapassou 16.

Os cursos inacabados de pintura

Pintura Histórica na APBA

No Curso de Pintura Histórica, iniciado em 1896/97 com o professor Marques de Oliveira¹⁵, Aurélia mereceu classificações trimestrais mais elevadas do que as obtidas até ali, mas nunca lhe foi dada nota final superior a 16 valores. Na década de 1892 a 1902, classificações em Pintura Histórica superiores a 16 só foram atribuídas a homens e nunca a mulheres¹⁶.

Reverendo o quadro de síntese (fig.1), observa-se que independentemente do que produzisse Aurélia, a nota 16 como classificação final foi uma barreira intransponível. No primeiro ano, obteve 15/15/14 (AFBAUP-174) e 16 no exame final e fez ainda o segundo ano por exame com 15 valores (AFBAUP-114). No terceiro ano replicou-se a lógica classificativa do 3º ano de Desenho Histórico: obtendo, nos trimestres, 16/16/14 (AFBAUP-174) seria de esperar pelo menos 17 valores no exame, mas o achatamento manifestado no terceiro trimestre prenunciava já o limite de 16, que veio a ocorrer, eventualmente “compensado” com o Prémio pecuniário Barão Castelo de Paiva de 90\$000 reis que lhe foi atribuído com a obra *Maria Madalena* com oposição de três outros concorrentes¹⁷ (AFBAUP-115). Como facto inocultável, ganhar este prémio constituiu, na sua época, o mais alto reconhecimento da artista como pintora profissional e que a colocou de igual para igual para com os artistas homens. Também factual, mas oculta, é a perspetiva de “compensação” de classificações académicas com outros meios.

Nas exposições anuais, Aurélia continuou a ser muito bem representada (sem os exageros que ocorreram em Desenho Histórico): no primeiro ano (e segundo por exame) com 11 pinturas (Furtado 1897), no seguinte com 17 obras e no 4º (que abandona e já não faz o 3º trimestre), e ainda comparece com 10 obras e a indicação de que fora para Paris estudar (Furtado 1900). Não foi, nesta vertente, prejudicada, antes pelo contrário: contabilizadas o total das obras de Aurélia expostas na APBA perfaz 106 obras (68 desenhos e 38 pinturas) façanha única na história da instituição¹⁸.

Os desajustamentos entre as classificações, e as exposições e prémios mostram que a academia visou concretamente Aurélia, porque antes dela, Ignez Pieper, casada e estudante talentosa, se mantivera na esfera privada não desenvolvendo vida profissional.

O sucessivo estrangulamento académico na APBA, mas também os seus duvidosos critérios e padrões de qualidade próprios de universos estreitos, terão desmotivado Aurélia (não nos passou despercebida, na consulta das pautas, a redução progressiva do número de alunos em cada ano, desde os 10 – sete homens e três mulheres no 4º ano de desenho, até apenas 5 – no 1º

¹⁵ Transferido nesse mesmo ano do Desenho Histórico para a Pintura Histórica.

¹⁶ Dois estudantes alcançaram 18 valores em Pintura Histórica: António Cunha terminou o 5º ano em 1894 com 18, tendo feito o 4º com 17 e em 1896 António Carneiro também faz o 5º de Pintura Histórica com 18 (AFBAUP-114). Só houve mais uma classificação acima de 16 neste período que foi um 17 ao 2º ano feito por exame de Acácio Lino em 1901 quando Aurélia já estava em Paris (AFBAUP-115).

¹⁷ Trata-se de Joaquim Gonçalves da Silva, Raul Maria e Eduardo Teixeira Rebello segundo Aguiar (2012, 65). Joaquim Gonçalves da Silva (1863-1912) distinguiu-se mais como escultor e apresentou a concurso uma pintura de cena do ciclo da ressurreição, da coleção da Casa-museu Teixeira Lopes; Raul Maria Pereira (1877-1933) foi pintor, arquiteto e diplomata e de Eduardo Teixeira Rebello não conseguimos compilar informação.

¹⁸ Não fora Aurélia e Sofia com total em conjunto de 182 e a presença das mulheres nas exposições no período em análise seria apenas de 7,2 % do total contabilizando apenas Desenho e Pintura Históricos. Com elas a percentagem sobe para os 18,2 %.

ano de pintura – 3 homens e as 2 irmãs de Souza e apenas 3 no 4º ano – todos desistentes após o 2º trimestre).

Porque a APBA lhe não reconheceria plenamente o valor, ou porque viu estreitar-se o número de colegas, sobretudo sem encontrar outros pares, para além de Sofia, capazes de acrescentarem valor ao seu desenvolvimento artístico, decide abandonar o curso e, com apoio familiar, seguir passos que a antiga colega Alice Grillo trilhara em 1894 para frequentar a Academia Julian.¹⁹

Com financiamento familiar viaja em junho para pintar em Étapes-sur-mer com um professor para esse efeito (Oliveira 2002, 279-280) em vez de terminar o 4º ano na APBA. Aí aguardou calmamente o início do ano letivo seguinte para frequentar a Academia Julian, onde seria aluna de Benjamin Constant (1845-1902) e Jean-Paul Laurens (1838-1921). A partida para fora do país ao invés da conclusão do quarto ano não foi, como se tem dito, ditada pelo início da frequência da academia francesa que só ocorreria no início do ano letivo seguinte (1899-1900) em setembro. Este detalhe é crucial para sustentar que Aurélia não desistia apenas do curso de Pintura Histórica, ela saía da APBA frustrada ou simplesmente desinteressada. Sua irmã Sofia continua a frequentar o 3º ano (recorde-se que Aurélia realizara o 1º por frequência e o 2º por exame num só ano letivo, adiantando-se à irmã pela primeira vez).

A frequência da Academia Julian corresponde a uma nova estratégia articulada entre as irmãs para aceder ao profissionalismo, abrangidas sob o epíteto atribuído às mulheres artistas portuguesas de “súcia de caganifâncias” (Oliveira 2002, 296). Dois outros interesses formativos constituem o apelo francês, a pintura de paisagem ao ar livre, que volta a praticar em Auray na Bretanha no verão de 1900 e o estudo do nu, ambos não fornecidos pela APBA.

Inquietação na obra artística

Em 1895 manifestou-se o inconformismo de Aurélia plasmado num jornal, que mostra personalidade muito distante da idade de inocência, expõe o embate das suas ambições pessoais com os preconceitos sociais. Impõe-se questionar que impacto terá tido na sua obra artística. Será que isso veio moldar a sua identidade como artista? Terá despoletado uma nova atitude transgressiva e crítica na sua produção plástica uma vez que várias obras suas são enigmáticas e irreverentes quando comparadas com outras suas contemporâneas?

Tinham passado uns meses da controvérsia e, segundo Aguiar (2012, 66-67), Aurélia gerou novos comentários na imprensa. Expusera na 9ª Exposição do Círculo Artístico Portuense, realizada em dezembro de 1895, uma obra que a artista intitulou no catálogo de *Cabeça de Estudo*. Ruy de Almedina (1895) escreveu na revista *A Arte*:

¹⁹ Alice Amália da Silva Grillo de Lima, casada com João Batista Lima foi a primeira mulher portuense a frequentar a academia Julian no atelier de Bory Sorel e Benjamin Constant em 1894 (Assunção 2015, 71) e já tinha sido a primeira mulher a obter 16 como nota final de Desenho Histórico, a primeira a expor um conjunto abundante de desenhos na exposição anual de 1893 (16 desenhos) e a ganhar o Prémio Pecuniário de Desenho Histórico, em terceiro lugar, em 1892.

Expõe uma cabeça de estudo (a sua propria cabeça) que é de uma factura bella, com seus longes de columbanianismo. É um trabalho que honra a modesta alumna da nossa Academia e que, sem desdouro, um consagrado poderia assignar. Um defeito apenas: o laço que tem ao pescoço dá a impressão de quasi a estrangular.

Também José de Figueiredo (1895) escreve no *Novidades*, a 18 de dezembro de 1895: “A Cabeça de estudo (122) exposta pela sr^a D. Amelia de Sousa, (...) É o retrato da artista feito por ella mesma; instante supremo de dôr, de desespero, ali fixado n’uma intensidade admiravel”.

Trata-se do *Autorretrato com laço negro*, um óleo s/ tela de 67,5 x 47,5 cm pertencente a coleção particular. Se houve críticas em 1895 a obra não é de cerca de 1897 como fora datada (Silva 1992, 32), mas muito anterior. A datação é aqui fulcral pois foi concebida logo após o incidente da APBA e mal-estar aí gerado. É a inaugural pintura transgressiva da artista, visto que funcionou como uma segunda denúncia pública da forma como eram tratadas as mulheres. Confirma-se a interpretação de Pelayo (2018) de que esta pintura impressionante no corpus da sua obra é uma alusão crítica à situação das mulheres onde se observa a pintora asfixiada por um gigantesco laço negro, símbolo dos inúmeros espartilhos que vedavam uma vida plena às mulheres e as reduzia a insignificante adereço dos homens.

Obra preferida da artista pelas muitas vezes em que foi colocada em destaque, comprova-se ser um manifesto artístico feminista pelas circunstâncias em que foi produzida, que agora conhecemos. Reflete a dor silenciosa das mulheres discriminadas. Não se tratará tanto de um autoquestionamento pessoal e subjetivo de um eu consigo mesmo, ou diálogo divertido com o espelho como outros avançaram, porquanto este algo pueril e o outro desligado da sociedade oitocentista, mas sim um questionamento crítico dessa mesma sociedade. Aurélia não se pergunta quem é, ela afirma-se como oprimida, estrangulada. Esta lucidez crítica que, a partir daqui encontramos na obra de Aurélia é fundamental, hoje, para a legitimação desta artista e esta é uma obra-chave da arte portuguesa oitocentista.

Outra obra transgressora, *Maria Madalena* de 1897, foi igualmente produzida fora do contexto restrito de Pintura Histórica. Com ela a artista mereceu o Prémio Barão Castelo de Paiva. Trata-se de um óleo s/ tela, 148,5x108,0cm, de coleção particular. Este concurso era o mais importante atribuído pela APBA²⁰. A candidatura de Aurélia foi ambiciosa e a composição que apresentou muito original – fator importante na avaliação – não perdendo a oportunidade de ter algo para dizer da sua perspetiva como mulher. A composição dá toda a proeminência à figura de costas da santa prostituta e com audácia corta Cristo crucificado acima dos joelhos, excluindo-o da composição e com isso desvalorizando o seu sofrimento a favor do de Madalena. A obra evidencia a inversão dos valores tradicionais e patriarcais, ao excluir o masculino concedendo a proeminência da pintura a uma figura

²⁰ Pelo valor pecuniário de 90\$000 reis, muito mais alto do que o Prémio em Desenho Histórico de 20\$000, e porque era aberto tanto aos estudantes de pintura da academia como a qualquer outro pintor, saindo do âmbito estudantil para o profissional.

feminina que, na vista de costas, poderá ser qualquer mulher, simbolizando todas. Como Pelayo (2017, 78-79) refere, “colocando o foco da obra apenas no sofrimento da mulher já que nesta estão todas as oprimidas mulheres do século dezanove” em concordância com Silva (1992, 15).

Destas esplêndidas obras se retira que a artista, então com 30 anos, atinge plena maturidade artística insubmissa ao academicismo e à sociedade patriarcal. Não se colocou na posição de agradar, reclamou voz própria e buscou o desenvolvimento artístico para além da APBA quando esta instituição recusou reconhecê-la como pioneira.

REFERÊNCIAS

AFBAUP – 107. Livro de Atas das Sessões Ordinárias da Academia. Academia Portuense de Bellas-Artes: 1890-1903.

AFBAUP – 174. Livro de inscrições com valorizações. Academia Portuense de Belas Artes: 1890-1900

AFBAUP – 114. Livro de Atas das Sessões Gerais da Academia. Academia Portuense de Bellas-Artes: 1837-1896.

AFBAUP – 115. Livro de Atas das Sessões Gerais da Academia. Academia Portuense de Bellas-Artes: 1897-1922.

Aguiar, Maria. 2012. *Os Materiais e a Técnica de Pintura a Óleo na Obra de Aurélia de Souza e a sua Relação com a Conservação*. Doutoramento em Conservação de Pintura. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

Aguiar, Maria; Manuel, Ana Calvo; Cruz, António João. 2016. “As Academias e as suas implicações na representação da figura humana por Aurélia de Sousa”. In *Coleções de Arte em Portugal e no Brasil nos séculos XIX e XX: As academias de belas-artes do Rio de Janeiro, de Lisboa e do Porto, 1816-1836: ensino, artistas, mecenas e coleções*, editado por Maria João Neto e Marize Malta. Casal de Cambra: Caleidoscópio: 225-234.

Almedina, Ruy de. 1895. “A Nona Exposição no Atheneu Commercial – V.” *A Arte - Revista Luso Estrangeira*. Orgam do Movimento Intellectivo Internacional. Vol. 1º anno, n.º 10: 164-165.

Assunção, Maria M. 2015. *Os Pintores e os Públicos no Porto – Naturalismo, Tardo Naturalismo do final do século XIX (1880) à República (1910)*. Doutoramento em História. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A Voz Publica 1895. “Academia Portuense de Bellas-Artes.” *A Voz Publica* – Casos e Ocorrências, Comunicados. 26 de setembro.

Brito, José de. 1901. *Catálogo da 10ª Exposição dos trabalhos Escolares dos Alunos da Escola Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1900 e 1901 e distribuição dos respectivos diplomas*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Brito, José de. 1903. *Catálogo da 12ª Exposição dos trabalhos Escolares dos Alunos da Escola Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1902-1903 e distribuição dos respectivos diplomas*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Duarte, Adelaide. 2010. *Aurélia de Sousa: artista de transição, século XIX-XX*. Matosinhos: QuidNovi.

Figueiredo, José. 1895. “A Exposição de Arte no Atheneu II”. In *Sciencias, Artes e Letras*. Vol. Anno XI, n.º 3593 (18 dez. 1895: 1-2).

Foucault, Michel. 1969. *L'archéologie du savoir*. Paris: Éditions Gallimard.

Furtado, Tadeu. 1893. *Catálogo da Exposição dos trabalhos Escolares dos Alunos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1892 e distribuição dos respectivos diplomas*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira.

Furtado, Tadeu. 1894. *Catálogo da Exposição dos trabalhos Escolares dos Alunos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1893 e distribuição dos respectivos diplomas*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira.

Furtado, Tadeu. 1895. *Catálogo da Exposição dos trabalhos Escolares dos Alunos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1894 e distribuição dos respectivos diplomas*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira.

Furtado, Tadeu. 1896. *Catálogo da Exposição dos trabalhos Escolares dos Alunos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1895 e distribuição dos respectivos diplomas*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira.

Furtado, Tadeu. 1897. *Catálogo da Exposição dos trabalhos Escolares dos Alunos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1896 e distribuição dos respectivos diplomas*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira.

Furtado, Tadeu. 1898. *Catálogo da Exposição dos trabalhos Escolares dos Alumnos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no anno de 1897 e distribuição dos respectivos diplomas*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Furtado, Tadeu. 1900. *Catálogo da 9ª Exposição dos trabalhos Escolares dos Alumnos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no annos de 1898 e 1899 e distribuição dos respectivos diplomas*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Grillo, Alice. n.d. “Alice Grillo 1870-1945”, in <http://www.alicegrillo.com/>

Moncívio, Adelaide. 2017. “Adelaide Lucinda Fontes (1871-1951) e Emília Ernestina da Silva (1869-1952): a formação artística das senhoras Teixeira Lopes”. In *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. Volume 14, n.º 85 (dezembro de 2017): p. 56-64.

Oliveira, Maria João Lello Ortigão de. 2002. *Aurélia de Sousa em Contexto – A Cultura Artística no Fim de Século. Doutoramento em Belas-Artes*. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Pelayo, Raquel. 2017. “Aurélia de Souza: Pelo Brilho da Penumbra”. In *Revista Gama, Estudos Artísticos* (9), janeiro-junho: 71-81.

Pelayo, Raquel. 2018. “Aurélia de Souza: O Feminismo ao Espelho”. In *Revista Estúdio: Artistas sobre outras Obras* (9), outubro-dezembro: 20-30.

Silva, Raquel Henriques da. 1992. *Aurélia de Souza*. Lisboa: Inapa.

Vicente, Filipa Lowndes (coord.). 2016. *Aurélia de Sousa: Mulher Artista – 1866-1922*. Porto: Tinta da China.